

EDITORIAL

Editorial

Este é o número 12 da nossa Revista, mas é também o primeiro a ser publicado após a mais longa greve na história da USP. Ela causou profundos danos à docência, à pesquisa, à administração e, como já era previsível, à própria imagem da Universidade junto à sociedade, razão da existência dessa instituição. Como diz nossa Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária em sua entrevista aqui publicada, a sociedade “tem urgência em saber o que a Universidade pública faz e como utiliza os seus recursos”. Sim, é exatamente isso e é nesse sentido que os trabalhos dessa pró-reitoria têm dado especial atenção desde a gestão anterior da Universidade.

Nesta entrevista, a professora Maria Arminda do Nascimento Arruda, Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária, analisa temas da mais alta relevância e nos leva a refletir sobre algumas questões delicadas, mas que precisam ser tratadas no universo acadêmico. No entanto, com muita elegância verbal e delicadeza, ela nos mostra a todos o que já deveríamos saber: se no plano formal Cultura e Extensão têm o mesmo status que as outras áreas, na prática a situação ganha outros contornos. Em momentos de crise financeira, como já vivemos em outras ocasiões, e retornamos agora a esta realidade, este segmento da Universidade tem passado por restrições orçamentárias realmente preocupantes. Era de se esperar que não fosse assim. Cultura e extensão são partes integrantes da Universidade em sua relação com a sociedade, da mesma forma que toda a produção científica desta instituição. Ciência e cultura, portanto, devem andar *pari passu* e não em descompasso como temos vivido ciclicamente. Há que se pensar seriamente no que diz nossa pró-reitora: “não existe nenhuma ação humana, nenhuma ação social que não esteja permeada por cultura”. Isto é básico, mas é também a melhor forma de sociabilidade, de se humanizar ainda mais as relações sociais.

Que se pense ainda no programa de extensão universitária. Ele é, provavelmente, o trabalho mais visível aos olhos do contribuinte, enfim, aos olhos de toda a sociedade. É o caso, por exemplo, do *Programa Universidade Aberta à Terceira Idade*. Criado com o intuito de trazer as pessoas idosas à Universidade para aprimorar ou reciclar seus

WALDENYR CALDAS

Universidade de São Paulo.
Escola de Comunicações e
Artes, São Paulo, Brasil

conhecimentos, este é um programa longe, muito longe de assistencialismos. Aliás, ele não tem nada disso. Trata-se de uma atividade do programa de extensão universitária, cujos objetivos passam pelo estímulo ao conhecimento, ao saber, mas também pela integração, pela sociabilidade entre a juventude universitária e os idosos que desejam trocar suas experiências com esses jovens. Este acontecimento não poderia ser melhor. Ele é fantástico. São diferentes gerações, que por algumas horas compartilham seu cotidiano, onde não há passado, não há presente; há, isto sim, uma verdadeira celebração à cidadania, à amizade e ao conhecimento científico. Mas este é apenas um exemplo da importância do programa de extensão universitária. Outros eventos têm propósitos muito semelhantes, mas com suas peculiaridades. É preciso entender que, a rigor, não há, verdadeiramente, como separar o binômio cultura/extensão. Esta Pró-Reitoria faz cultura e extensão simultaneamente. Certamente por isso é que nossa pró-reitora em suas palavras não estabelece essa diferença: “a extensão não se separa da cultura, uma vez que a compreensão de que a Universidade tem que ter projetos de extensão – essa dimensão extrovertida da Universidade, que se volta para o futuro e para a sociedade – é também parte do mundo contemporâneo e é cada vez mais acentuado.”

Em sua entrevista, a professora Maria Arminda trata ainda de outros temas não menos importantes relacionados, claro, com as responsabilidades da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. A exiguidade do espaço para este editorial não nos permite tratar de todos eles como gostaríamos de fazê-lo. Sendo assim, portanto, é oportuno comentar sobre a estrutura administrativa desta Pró-Reitoria, tendo como ponto de partida o binômio burocracia/democracia. É desejo da nossa pró-reitora repensar o funcionamento interno da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. Como ela mesma diz, “queremos conferir mais funções às Comissões de Cultura e Extensão das unidades, que serão organismos com grande autonomia, enquanto que o Conselho de Cultura e Extensão será um órgão de formulação de políticas públicas e não de burocracia”. Nada mais democrático que isso, e obrigado por seus ensinamentos, prezada pró-reitora. Precisamos muito de democracia.

Seguindo sua coerência editorial de diversificar artigos de todas as áreas da ciência, este número trás o ensaio da Profa. Dra. Christiane Wagner, intitulado *Zeitgeist, o Espírito do Tempo – Experiências Estéticas*. Trata-se de uma acurada análise sobre o binômio estética/moda, cuja originalidade nos chama atenção logo no início da sua leitura. Ele envolve aspectos de representação formal, como nos diz a autora, “associando as experiências imaginárias às reais no processo de criatividade para, desse modo, entender a moda como um dos meios representativos da arte e, portanto, que contidas na arte estão tanto a técnica como a imagem, visando um consenso coletivo”. É uma reflexão realmente original e consistente, que aponta subsídios para futuros pesquisadores dessa área.

Já o artigo do professor Fulvio Torres Flores, intitulado *Extensão e Educação à Distância em Dois Cursos de Literatura*, discute o crescimento da educação à distância e as políticas nacionais para a extensão universitária. Trata-se do relato de uma experiência muito bem sucedida, que certamente contribuirá como um ensaio importante para pesquisa nessa área promissora e ainda pouco explorada pelos pesquisadores.

O ensaio *Diálogos da Universidade com a Comunidade Escolar sobre Educação para a Sustentabilidade*, de diversos autores, é um produto coletivo louvável de curso

desenvolvido na USP e que apresenta os objetivos no sentido de promover a inserção da sustentabilidade no cotidiano escolar. A metodologia do curso baseou-se em oito encontros que envolvem exposição teórica, discussões, debates, troca de experiências e trabalho de campo baseados no referencial teórico-metodológico da aprendizagem social, que é centrada na construção coletiva de conhecimento e oportunidades educacionais participativas.

Na seção *Opinião* temos um importante artigo dos professores Heitor Franco de Andrade e Luciana Regina Meireles, ambos do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo (IMTSP), que trata das novas iniciativas para aumentar a interface do IMTSP com a sociedade “laica” e assim poder detectar que a conscientização do próprio corpo de profissionais e o “aggiornamento” dos conceitos de extensão são muito benéficos para os institutos de pesquisa.

No mais, caro leitor, nossa Revista reserva a você a surpresa de alguns ensaios com temas bem contemporâneos. Eles certamente contribuirão para que outros pesquisadores, a partir da sua leitura, possam desenvolver ainda mais a discussão e os debates pertinentes a cada um dos temas aqui propostos. Boa leitura!

WALDENYR CALDAS *professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e editor associado da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: waldenyr@usp.br*